

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA IFRO - *CAMPUS* CACOAL
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GABRIEL BRUNO PEREIRA

**A VERTENTE FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NA GEOGRAFIA
HUMANISTA BRASILEIRA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
O ESTADO DA ARTE**

**Cacoal
2026**

GABRIEL BRUNO PEREIRA

**A VERTENTE FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NA GEOGRAFIA
HUMANISTA BRASILEIRA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
O ESTADO DA ARTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia, Campus Cacoal, como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josimar Monteiro Santos.

**Cacoal
2026**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Pereira, Gabriel Bruno.

A vertente fenomenológica heideggeriana na geografia humanista brasileira e o ensino de geografia: o estado da arte / Gabriel Bruno Pereira. - Cacoal, 2026.

33 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Josimar Monteiro Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Cacoal, 2026.

1. Geografia humanista. 2. Fenomenologia heideggeriana. 3. Ensino de geografia. I. Santos, Josimar Monteiro (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916

GABRIEL BRUNO PEREIRA

**A VERTENTE FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NA GEOGRAFIA
HUMANISTA BRASILEIRA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
O ESTADO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus Cacoal, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, junto ao Curso de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do professor doutor Josimar Monteiro Santos.

Aprovado em: 17/06/2026 pela banca examinadora.



Documento assinado digitalmente

JOSIMAR MONTEIRO SANTOS

Data: 22/06/2026 19:32:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Josimar Monteiro Santos (Orientador) - Instituto Federal de Rondônia -
Campus Cacoal.



Documento assinado digitalmente

MARCILEI SERAFIM GERMANO

Data: 22/06/2026 22:58:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Marcilei Serafim Germano (1º Examinador) - Instituto Federal de Rondônia
- Campus Cacoal.



Documento assinado digitalmente

JEFFERSON LEMES PINTO

Data: 22/06/2026 21:49:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Jefferson Lemes Pinto (2º Examinador) - Instituto Federal de Rondônia -
Campus Cacoal.

RESUMO

O presente artigo problematiza a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista e o ensino da geografia. O artigo objetiva investigar se a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista brasileira tem sido utilizada como base filosófica para investigar o ensino de geografia no Brasil. O trabalho parte da contextualização histórica do surgimento da geografia humanista nos países anglófonos, nas décadas de 1960 e 1970, e de sua recepção no Brasil a partir dos anos 1980 com as primeiras traduções de textos anglófonos, com especial atenção à formação da vertente fenomenológica heideggeriana, que ocorreu apenas a partir dos anos 2000. Em seguida, examina o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger por essa vertente, com base na crítica de Reis e Santos (2024), que identificam uma incompatibilidade estrutural entre o pensamento heideggeriano e o humanismo. A pesquisa adota como metodologia a revisão bibliográfica, organizando a análise em dois movimentos complementares: um qualitativo, centrado na identificação de grupos de pesquisa e eventos acadêmicos que articulam fenomenologia heideggeriana, geografia e educação; e um quantitativo, que examina o *corpus* de produções diretamente relacionadas à problemática investigada. Desse modo, o estado da arte das produções acadêmicas da geografia humanista identificou o Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE), vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL), como o principal núcleo articulador entre os temas investigados, e um *corpus* de sete produções: quatro artigos, um capítulo de livro, uma dissertação e uma tese, concentradas no período 2017–2024. Conclui-se que a vertente fenomenológica heideggeriana tem sido utilizada como base para investigar o ensino de geografia no Brasil, porém de maneira ainda restrita, configurando um campo emergente não plenamente consolidado, que reproduz, em grande medida, o padrão de assimilação humanista do pensamento de Heidegger identificado na literatura crítica, sem que a incompatibilidade estrutural entre esse pensamento e o humanismo seja considerada de forma explícita nas pesquisas sobre ensino.

Palavras-chaves: geografia humanista; fenomenologia heideggeriana; ensino de geografia.

ABSTRACT

This article problematizes the Heideggerian phenomenological strand of humanistic geography and its relationship with geography education. It aims to investigate whether the Heideggerian phenomenological strand of Brazilian humanistic geography has been employed as a philosophical foundation for research on geography education in Brazil. The study begins by contextualizing the emergence of humanistic geography in Anglophone countries during the 1960s and 1970s and its reception in Brazil from the 1980s onward through the translation of key Anglophone texts, paying particular attention to the formation of the Heideggerian phenomenological strand, which emerged only in the 2000s. It then examines the problem of the humanistic appropriation of Martin Heidegger's thought, drawing on the critique advanced by Reis and Santos (2024), who identify a structural incompatibility between Heideggerian thought and humanism. Methodologically, the research is based on a bibliographic review organized into two complementary dimensions: a qualitative analysis focused on identifying research groups and academic events that articulate Heideggerian phenomenology, geography, and education, and a quantitative analysis examining the corpus of publications directly related to the investigated problem. The state-of-the-art review identified the Research Group on Phenomenology, Geography and Education (GEPFGE), affiliated with the State University of Londrina (UEL), as the principal locus connecting these themes, as well as a corpus of seven publications produced between 2017 and 2024, comprising four journal articles, one book chapter, one master's dissertation, and one doctoral thesis. The findings indicate that the Heideggerian phenomenological strand has been used as a basis for investigating geography education in Brazil, although still in a limited way, constituting an emerging field that has not yet been fully consolidated. Furthermore, the analyzed works largely reproduce the humanistic assimilation of Heidegger's thought identified in the critical literature, without explicitly addressing the structural incompatibility between Heideggerian thought and humanism in research on geography education.

Keywords: Humanistic Geography; Heideggerian Phenomenology; Geography Education.

1. INTRODUÇÃO

A geografia humanista constituiu-se, a partir da segunda metade do século XX, como uma das principais correntes de renovação epistemológica da ciência geográfica. Surgida nos Estados Unidos e no Canadá, nas décadas de 1960 e 1970, como movimento de contestação ao paradigma quantitativo que dominava a disciplina, essa corrente propôs a valorização da experiência vivida, da percepção, dos valores e dos significados atribuídos ao espaço pelos sujeitos (HOLZER, 2008). Diferentemente da chamada Nova Geografia, de base neopositivista, que buscava leis gerais e mensurações do espaço, a geografia humanista voltou-se para a dimensão subjetiva da relação entre o ser humano e o mundo, encontrando nas humanidades, filosofia, literatura e psicologia, os fundamentos para uma nova forma de compreender o espaço geográfico.

No Brasil, essa corrente chegou de forma fragmentada a partir da década de 1980, tendo na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro o seu principal núcleo de irradiação inicial, sob a liderança das geógrafas Lívia de Oliveira e Lucy Machado (MARANDOLA JUNIOR, 2013). A partir dos anos 2000, a geografia humanista brasileira ampliou-se significativamente, com a consolidação de grupos de pesquisa e a realização de eventos acadêmicos. Nesse processo, a fenomenologia e, mais especificamente, a fenomenologia existencial de Martin Heidegger passou a ocupar papel central como fundamento filosófico da produção geográfica humanista no país. Foi nesse contexto que a abordagem fenomenológica se estruturou no Brasil como esteio metodológico e epistemológico para investigações empíricas, em movimento inverso ao que ocorria no cenário internacional, em que essa abordagem havia sido progressivamente incorporada por outras correntes.

Esse processo de consolidação, contudo, não se deu sem extravios interpretativos da filosofia de Martin Heidegger. Reis e Santos (2024) identificaram uma incompatibilidade estrutural entre o pensamento de Martin Heidegger e o humanismo: ao mobilizar Heidegger para fundamentar uma perspectiva humanista na geografia, os geógrafos teriam produzido o que os autores denominam um "extravio", uma assimilação sistematicamente equivocada do pensamento do

filósofo, consolidada ao longo de décadas na literatura geográfica brasileira. Essa crítica apoia-se na posição expressa pelo próprio Heidegger em sua *Carta sobre o Humanismo* (1947), na qual o filósofo afirma que "Nesse sentido o pensamento de Ser e Tempo é contra o humanismo [...]" (HEIDEGGER, 2009, p. 50), evidenciando a irredutível incompatibilidade entre sua filosofia e qualquer forma de humanismo.

É nesse horizonte teórico que se situa o presente trabalho. Considerando que a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista tem se expandido no Brasil ao longo das últimas décadas, mobilizando conceitos como ser-no-mundo, lugar, habitar e ser-aí como categorias de análise geográfica, formula-se a seguinte questão: a vertente fenomenológica heideggeriana tem sido utilizada como base filosófica para investigar o ensino de geografia no Brasil? Essa pergunta desdobra-se em duas dimensões: uma quantitativa, há produções acadêmicas que articulem explicitamente fenomenologia heideggeriana, geografia e ensino? E, uma qualitativa: em que termos essa articulação se dá? Ela reproduz o padrão de assimilação humanista identificado na literatura crítica ou estabelece uma relação filosoficamente mais rigorosa com o pensamento de Heidegger?

A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que a vertente fenomenológica heideggeriana tem sido utilizada, no Brasil, como base para investigar o ensino de geografia, porém de maneira ainda restrita e, em grande medida, reproduzindo o padrão de assimilação humanista do pensamento de Heidegger, sem que a incompatibilidade estrutural entre o pensamento heideggeriano e o humanismo seja considerada de forma explícita nas pesquisas sobre ensino.

O objetivo geral deste trabalho é elaborar um estado da arte das pesquisas sobre ensino de geografia fundamentadas na vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista brasileira. Os objetivos específicos são: (a) contextualizar historicamente o surgimento e a consolidação da geografia humanista e de sua vertente fenomenológica heideggeriana no Brasil; (b) analisar a problemática da assimilação humanista do pensamento de Heidegger pela geografia humanista, com base na literatura crítica disponível; e (c) identificar, quantitativa e qualitativamente, as produções acadêmicas que articulam fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia, identificando os principais grupos de pesquisa, eventos e produções relacionados à temática.

A justificativa deste trabalho assenta-se em três dimensões complementares. Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para a identificação

de um campo investigativo emergente na geografia brasileira, identificando com precisão o estado atual da articulação entre a fenomenologia heideggeriana e o ensino de geografia, lacuna ainda não sistematicamente explorada na literatura. Do ponto de vista filosófico, o trabalho dialoga com a crítica de Reis e Santos (2024) acerca do extravio da assimilação humanista de Heidegger, estendendo essa discussão ao campo específico do ensino, onde a problemática ainda não foi examinada com o rigor necessário. Do ponto de vista pedagógico, a pesquisa é relevante para os cursos de licenciatura em Geografia, pois oferece um panorama das perspectivas teóricas disponíveis para fundamentar investigações sobre o ensino, além de sinalizar os limites e as potencialidades da abordagem heideggeriana nesse domínio. No contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), campus Cacoal, o trabalho insere-se na formação inicial de professores de Geografia, contribuindo para a reflexão epistemológica sobre os fundamentos filosóficos do ensino da disciplina.

Metodologicamente, o trabalho adota a pesquisa bibliográfica como procedimento central. A pesquisa bibliográfica permitiu a construção do referencial teórico acerca da geografia humanista, da fenomenologia heideggeriana e da problemática de sua assimilação. Após a pesquisa bibliográfica, foi estruturado o estado da arte, o que permitiu a análise das produções acadêmicas diretamente relacionadas à problemática central, com base nas produções disponibilizadas pelo Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE), vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL), identificado como o principal núcleo de articulação entre os temas investigados. As produções foram classificadas segundo sua relação com a problemática da pesquisa e o *corpus* selecionado foi analisado de forma quantitativa e qualitativa. Por fim, em conformidade com a Portaria n.º 2.664 do CNPQ, deve-se registrar que, sobre os aspectos metodológicos do trabalho, após levantamento da bibliografia, foi feito uso de IA generativa, especificamente *Claude* IA, para revisão de conteúdo e geração de versão preliminar de alguns parágrafos, que posteriormente foram examinados pelo pesquisador e orientador. Esses parágrafos foram corrigidos na versão final do texto pelo orientador.

O trabalho está estruturado em três tópicos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro tópico contextualiza historicamente o surgimento da geografia humanista nos países anglófonos e sua chegada ao Brasil, com foco na

formação da vertente fenomenológica heideggeriana. O segundo tópico examina o problema da assimilação humanista do pensamento de Heidegger pela vertente fenomenológica da geografia humanista. O terceiro tópico apresenta o estado da arte das pesquisas sobre ensino de geografia a partir dessa vertente, organizando a análise em indicadores qualitativos, grupos de pesquisa e eventos acadêmicos, e quantitativos, *corpus* de produções identificadas.

2. O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

2.1. A origem da geografia humanista anglófona: uma síntese.

A geografia humanista emergiu, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, no domínio da língua inglesa, como um movimento de contestação ao paradigma quantitativo que havia dominado a disciplina desde a década de 1950. A chamada Nova Geografia, de base neopositivista, orientou a produção geográfica pela busca de leis gerais e pela mensuração do espaço, negligenciando as dimensões subjetivas da experiência humana. Conforme Holzer (2008), o domínio da geografia analítica nesse período deixou em segundo plano o ambiente percebido e vivido, ligado ao comportamento humano e à construção de significados sobre a paisagem.

A década de 1960 marcou o início da contestação a esse modelo. O desenvolvimento da geografia da percepção representou uma primeira tentativa de reincorporar a experiência subjetiva à análise geográfica, antecipando questões que seriam aprofundadas pela geografia humanista. O contexto sociocultural do período, marcado por movimentos de contracultura, revolta estudantil e crítica aos padrões intelectuais dominantes, favoreceu a busca por novas perspectivas epistemológicas nas ciências humanas (Holzer, 2008).

Foi na década de 1970 que a geografia humanista se consolidou como campo disciplinar relativamente autônomo nos Estados Unidos. Holzer (2008) aponta que a publicação do artigo "Humanistic Geography" em 1976 definiu, de forma sistemática, essa orientação para a disciplina, configurando o que o autor descreve como a afirmação pública de um movimento gestado há mais de uma década. Os principais nomes associados a essa consolidação foram Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Anne Buttimer e J. Nicholas Entrikin, cada um contribuindo para a fundamentação teórica e metodológica da abordagem humanista na ciência geográfica.

Do ponto de vista epistemológico, a geografia humanista buscou nas humanidades, como filosofia, literatura e psicologia, os subsídios para resgatar a dimensão subjetiva do espaço. Portanto, desde suas origens, a geografia humanista é caracterizada por um ecletismo epistemológico. Amorim Filho (2007) argumenta que essa pluralidade epistemológica sempre caracterizou a geografia, e que as tentativas de unificação paradigmática geraram limitações ao reconhecimento de

outras formas de produzir conhecimento geográfico. Porém, mesmo diante desse ecletismo, houve o desenvolvimento de uma vertente fenomenológica, sendo que a fenomenologia foi adaptada ao pensamento geográfico, por meio de conceitos como "mundo vivido" (*Lebenswelt*), de Husserl, e a noção de "habitar" (*dwelling*), da fenomenologia existencial de Heidegger (Marandola Jr., 2013). O conceito de lugar tornou-se o polo central dessa abordagem, compreendido não como espaço abstrato e mensurável, mas como resultado de relações entre experiências, significados e práticas sociais (Holzer, 2008).

Contudo, a centralidade da geografia humanista anglófona mostrou-se relativamente breve. Na década de 1980, conforme aponta Marandola Jr. (2013), o movimento anglo-saxão não chegou a consolidar uma "geografia fenomenológica" propriamente dita, sendo progressivamente incorporado pela Geografia Cultural ou redirecionado para posturas pós-estruturalistas. Esse declínio não representou uma ruptura abrupta, mas uma transformação que dispersou parte das contribuições humanistas por outros campos disciplinares. Foi no Brasil que essa vertente fenomenológica se consolidou na geografia humanista.

2.2. A geografia humanista no Brasil: uma análise sucinta.

A trajetória da geografia humanista no Brasil apresenta especificidades importantes em relação ao percurso anglófono. O país estabeleceu uma relação de "religação" com a renovação humanista dos anos 1970, mas de forma embrionária e fragmentada. Conforme observa Marandola Jr. (2013), não houve no Brasil um movimento humanista organizado e forte nas décadas de 1970 e 1980; o que se verificou foram repercussões pontuais do movimento anglófono, concentradas principalmente nos estudos de percepção ambiental.

Nesse contexto, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro constituiu o principal núcleo de irradiação dessa abordagem no país, sob a liderança das geógrafas Livia de Oliveira e Lucy Machado. O grupo formou pesquisadores em todo o Brasil, orientou dezenas de dissertações e teses sobre percepção e cognição ambientais e organizou os Encontros Interdisciplinares sobre o Estudo da Paisagem, que ampliaram o intercâmbio entre pesquisadores da temática humanística (Marandola, 2013). A publicação de traduções de obras estrangeiras, especialmente

na década de 1980, também foi fundamental para a difusão das propostas dos pioneiros do humanismo geográfico no país.

Será a partir da década de 2000 que ocorrerá uma ampliação significativa da geografia humanista brasileira, com a consolidação de grupos de pesquisa, a realização de seminários e o crescimento da produção bibliográfica na área, tema que será abordado no capítulo 3. A partir desse período, observa-se um movimento que Marandola Jr. (2013) descreve como inverso ao cenário internacional: enquanto nos países anglófonos a fenomenologia foi incorporada por outras correntes, no Brasil ela ganhou fôlego e se estruturou como esteio metodológico e epistemológico para investigações empíricas, configurando um campo ativo de pesquisa humanista contemporânea.

2.2.1. A vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista brasileira.

A vertente fenomenológica da geografia humanista não constitui um campo homogêneo: ela abrange diferentes matrizes filosóficas, incluindo a fenomenologia transcendental de Husserl, a fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty, o existencialismo de Sartre e a fenomenologia existencial de Heidegger. Todavia, no seu início, essa vertente fenomenológica foi identificada por meio da fenomenologia existencial, que designava os elementos convergentes entre o pensamento de Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger. Desse modo, autores como Werther Holzer e Marandola Jr. requisitaram a fenomenologia existencial como base para suas pesquisas na geografia humanista (Holzer, 1998; Marandola Jr., 2008).

Cada uma dessas influências abriu caminhos distintos para a investigação geográfica, resultando em um campo internamente plural. O presente trabalho adota como recorte analítico específico a vertente fenomenológica heideggeriana na geografia humanista brasileira; esse recorte se justifica porque se reconhece nele um fio condutor de uma problemática que resulta do modo com o qual o pensamento de Heidegger foi assimilado por essa vertente.

As contribuições de Werther Holzer e Eduardo Marandola Jr. são centrais para a consolidação dessa perspectiva no Brasil. Holzer (2008) evidencia a importância dos conceitos heideggerianos, como "ser-no-mundo" e "habitar", na

reinterpretação do espaço geográfico a partir da experiência vivida. Marandola Jr. (2020), por sua vez, propõe a "fenomenologia do ser-situado", compreendendo o sujeito como ser constituído em meio a uma teia de relações, significados e materialidades. Portanto, o volume expressivo de publicações, na forma de monografias, dissertações, teses e livros, que mobilizam essa vertente heideggeriana como base teórico-metodológica, atesta sua consolidação e relevância no cenário humanista da geografia brasileira. Além disso, esse mesmo conjunto de publicações tem sido objeto de uma apreciação crítica do modo como o pensamento de Heidegger foi assimilado (REIS; SANTOS, 2024; ZANQUETA, 2025).

3. O PROBLEMA DA ASSIMILAÇÃO HUMANISTA DE HEIDEGGER NA VERTENTE FENOMENOLÓGICA DA GEOGRAFIA HUMANISTA

A consolidação da vertente fenomenológica heideggeriana na geografia humanista brasileira, acompanhada do crescente volume de pesquisas que a mobilizam como referencial teórico, não foi acompanhada, em geral, de um exame crítico dos termos filosóficos dessa apropriação. É justamente essa lacuna que Reis e Santos (2024) buscam preencher ao propor o conceito de "extravio" para designar o modo como o pensamento de Martin Heidegger foi assimilado pela geografia humanista: não um simples equívoco pontual, mas um desvio sistemático e estrutural que se consolidou ao longo de décadas na literatura geográfica. A problemática da obra é direta: há uma incompatibilidade irreduzível entre o pensamento heideggeriano e qualquer forma de humanismo, e suas implicações colocam em xeque os fundamentos filosóficos da própria vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista.

Para compreender essa incompatibilidade, é necessário retornar à fonte filosófica que a fundamenta: a *Carta sobre o Humanismo* (1947), texto em que Heidegger responde à pergunta de Jean-Paul Sartre sobre se o existencialismo é ou não um humanismo. A resposta heideggeriana é negativa e acompanhada de uma crítica filosófica ao humanismo em geral. Para Heidegger, todo humanismo compartilha o pressuposto de definir o homem a partir de categorias metafísicas fixas como "animal racional", "pessoa", "sujeito", sem interrogar o fundamento mais

originário dessas categorias: a questão do *ser*. Ao pressupor o que o homem é, o humanismo fecha justamente a via de acesso àquilo que a filosofia heideggeriana pretende abrir. Santos e Reis (2019, p. 25) citam diretamente o filósofo para evidenciar esse ponto: "[...] Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou se converte a si mesmo em fundamento de uma metafísica (HEIDEGGER, 2009, p. 37). A consequência lógica desse argumento é que a filosofia heideggeriana, ao tomar como ponto de partida a questão do *ser* e não a definição do homem, situa-se em um horizonte radicalmente distinto do humanismo e, em certos aspectos, oposto a ele. Martin Heidegger afirma: "Nesse sentido o pensamento de *Ser e Tempo* é contra o humanismo" (HEIDEGGER, 2009, p. 50, grifo nosso).

Essa oposição se aprofunda quando se considera a questão dos valores. A geografia humanista, ao propor o homem como centro de medida e referência da investigação geográfica, opera dentro de uma lógica valorativa que Heidegger recusa de forma categórica. Para o filósofo, pensar a realidade em termos de valores implica uma redução ontológica que compromete a dignidade do *ser*. "Ao caracterizar algo como um 'valor', se lhe rouba a dignidade. [...] Pensar em termos de valor é aqui, como alhures, a maior blasfêmia que jamais se possa pensar com relação ao *Ser*" (HEIDEGGER, 2009, p. 78). Reis e Santos (2024) identificam nessa postura heideggeriana uma consequência direta para a crítica à geografia humanista: ao mobilizar Heidegger para "humanizar" a análise geográfica, valorizando a experiência vivida, a percepção e o sentido do lugar como categorias centrais, os geógrafos humanistas terminaram por mobilizá-lo contra o espírito de seu próprio pensamento, introduzindo precisamente aquela lógica valorativa que o filósofo buscava superar.

Santos e Reis (2024) examinam essa contradição de forma específica ao analisar a obra de Eduardo Marandola Jr., um dos principais representantes da vertente fenomenológica heideggeriana na geografia brasileira contemporânea. Os autores apontam que Marandola Jr. tenta conciliar Heidegger com a busca por um "humanismo autêntico" na geografia, operação que, segundo eles, resulta em uma "profunda deturpação" do pensamento original do filósofo. Ao propor o homem como "valor e medida" da ciência geográfica, a geografia humanista recairia exatamente na subjetividade moderna que Heidegger buscava superar com a analítica do *ser-aí*. O paradoxo, portanto, é estrutural: quanto mais a geografia humanista aprofunda

sua fundamentação heideggeriana dentro de um horizonte humanista, mais se afasta das premissas filosóficas que o próprio Heidegger estabeleceu.

Para qualificar analiticamente esse desvio, Reis e Santos (2024) retomam a distinção proposta por John Pickles (1985) entre duas modalidades de relacionamento entre fenomenologia e geografia: a "fenomenologia geográfica" e a "geografia fenomenológica". A primeira designa a modalidade efetivamente praticada pelos geógrafos humanistas: uma adaptação pragmática e relativamente livre da fenomenologia filosófica, orientada pela busca de conceitos aplicáveis à análise geográfica. Nessa operação, a fenomenologia é mobilizada como "motivação orientadora" ou "inspiração" existencial, sem que seus pressupostos metodológicos e ontológicos sejam incorporados com o rigor que a tradição filosófica requer. Reis e Santos (2024) afirmam que, no processo de assimilação da fenomenologia pela geografia humanista, houve sua adaptação a vários conceitos da geografia tradicional, resultando em uma "fenomenologia geográfica" diversa do projeto filosófico original da fenomenologia. A segunda modalidade, a "geografia fenomenológica", proposta por Pickles como alternativa, implicaria uma retomada rigorosa da filosofia fenomenológica, com ênfase na dimensão ontológica e não apenas na aplicação empírica de conceitos.

A crítica de Pickles, incorporada por Santos e Reis (2024), é contundente ao avaliar o resultado da fenomenologia geográfica: a fenomenologia, tal como foi incorporada pela geografia humanista, tornou-se impregnada de linguagem e reivindicações humanistas, sem que os geógrafos percebessem que, compreendida em seus próprios termos, no caso específico da fenomenologia heideggeriana, ela é incompatível com o humanismo. Essa afirmação tem alcance teórico considerável: significa que as críticas dirigidas à fenomenologia no interior da geografia frequentemente atingem uma versão já distorcida dela, e não a filosofia fenomenológica em sua formulação original. O alvo da crítica, portanto, é a fenomenologia geográfica e não a fenomenologia enquanto tal.

Santos e Reis (2024) aprofundam essa análise ao examinar de que modo os pioneiros da geografia humanista, como Tuan, Relph e Buttimer, se relacionaram com a fenomenologia e, especificamente, com o pensamento de Heidegger. Segundo os autores, esses geógrafos interpretaram a fenomenologia predominantemente como uma "motivação orientadora" existencial, negligenciando seu rigor metodológico. A relação com Heidegger, em particular, teria permanecido

em um plano periférico e superficial, sem que fossem assumidas como referência as coordenadas de interpretação da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Segundo Santos e Reis (2024), a Geografia humanista preservou uma leitura humanista da filosofia heideggeriana porque não tomou como referência central as coordenadas interpretativas da fenomenologia hermenêutica de Heidegger em sua formulação original. É precisamente nessa "leitura humanista", persistente, sistemática e, segundo os autores, filosoficamente indefensável, que reside o extravio identificado por Reis e Santos (2024).

Para compreender a extensão desse extravio, é necessário considerar o que significa, para Heidegger, a analítica do ser-aí, o ente que somos nós mesmos, o ser-aí, que existe sempre situado em um mundo e em relação ao *ser*. A analítica do ser-aí não é uma psicologia da experiência nem uma teoria da percepção: é, em sua formulação original, uma hermenêutica, uma filosofia da interpretação que interroga as condições de possibilidade do compreender. Como afirma o filósofo, “[...] a fenomenologia da presença [ser-aí] é hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar” (HEIDEGGER, 2013, p. 77). Ao traduzir essa analítica em termos de experiência vivida, percepção e sentido do lugar, categorias que operam dentro de um horizonte humanista, a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista teria neutralizado o potencial crítico e ontológico da filosofia heideggeriana, convertendo-a em um instrumento de descrição subjetiva da experiência geográfica, quando seu projeto original era de outra natureza.

Cabe reconhecer, contudo, uma nuance que os próprios Reis e Santos (2024) apontam: Heidegger não rejeita o humano. O problema não é o homem, mas o modo como o humanismo o pensa, a partir de categorias metafísicas que obscurecem a questão do *ser*. Isso significa que uma abordagem geográfica que mobilize Heidegger não precisaria necessariamente abandonar a preocupação com a existência humana, mas precisaria fazê-lo a partir de coordenadas filosóficas distintas das do humanismo tradicional, o que implicaria, na prática, uma relação mais rigorosa com a fenomenologia hermenêutica e com a analítica existencial do ser-aí. É justamente essa exigência de rigor que a "fenomenologia geográfica", tal como praticada pela vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista, não teria cumprido, donde a persistência do extravio que Reis e Santos (2024) buscam denunciar e corrigir.

Diante desse quadro, a problemática desta pesquisa adquire contornos mais precisos e mais exigentes. Se a vertente fenomenológica heideggeriana na geografia humanista brasileira opera, em larga medida, a partir de uma assimilação que críticos como Santos e Reis (2024) denominam filosoficamente equivocada, por incompatibilidade estrutural entre o pensamento de Heidegger e o humanismo, cabe perguntar de que modo esse referencial tem sido empregado nas pesquisas voltadas ao ensino de geografia.

A questão é, primeiramente, quantitativa, se há ou não pesquisas na vertente fenomenológica heideggeriana na geografia humanista sobre o ensino de geografia, e, posteriormente, qualitativa: em que termos essas pesquisas reproduzem esse padrão de assimilação humanista sem considerar a incompatibilidade entre o pensamento de Heidegger e qualquer forma de humanismo. Essas interrogações orientam a investigação que se desenvolve no próximo capítulo.

4. O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA A PARTIR DA VERTENTE FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NO BRASIL

O percurso traçado nos capítulos anteriores permitiu identificar, de um lado, a consolidação da vertente fenomenológica heideggeriana no interior da geografia humanista brasileira e, de outro, a problemática filosófica que envolve sua assimilação pela tradição humanista. Cabe agora responder à questão central que orienta esta pesquisa: essa vertente fenomenológica heideggeriana tem sido utilizada como base filosófica para investigar o ensino de Geografia no Brasil? Para responder a essa questão, o presente capítulo apresenta o estado da arte dessas pesquisas, organizando a análise em dois movimentos complementares. O primeiro, de caráter qualitativo, examina os grupos de pesquisa e os eventos acadêmicos que articulam a geografia humanista com debates fenomenológicos voltados à educação. O segundo, de caráter quantitativo, mapeia e interpreta o *corpus* de produções efetivamente identificadas no levantamento bibliográfico como diretamente relacionadas à problemática central do trabalho.

4.1. Grupos de pesquisa: a sistematização da investigação

A institucionalização de um campo investigativo não se expressa apenas na produção de textos individuais, mas na constituição de espaços coletivos de debate, formação e circulação de ideias. No caso da geografia humanista brasileira, grupos de pesquisa com diferentes perfis temáticos têm desempenhado esse papel articulador. Nesse contexto, o Grupo de Pesquisas em Geografia Humanista Cultural (GHUM)¹, fundado em 2008, constitui a principal rede articuladora da geografia humanista no Brasil. Organizado de forma interinstitucional e com presença em diferentes regiões do país, o GHUM tem promovido a circulação de debates centrados em conceitos como lugar, paisagem, geograficidade e experiência, contribuindo para a consolidação da abordagem humanista como campo legítimo de investigação geográfica. Em seu escopo temático, a educação geográfica aparece como uma das dimensões contempladas, o que indica abertura para a articulação entre perspectiva humanista e reflexão sobre o ensino. Integram a rede grupos específicos como o Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência (GhEnTE), voltado à articulação entre ensino, teoria e experiência; o Laboratório de Ensino de História e Geografia (LAHIGE), com foco no ensino de história e geografia; o Laboratório de Estudos Geoeducacionais (LEGE), dedicado a estudos geoeducacionais; e o Laboratório de Extensão e Pesquisa em Educação Geográfica (LEPEG), orientado à extensão e pesquisa em educação geográfica. Essa rede revela a amplitude institucional da geografia humanista no Brasil e a presença, em diferentes regiões, de grupos que articulam humanismo e educação.

A tabela a seguir organiza os principais grupos identificados no levantamento, distinguindo entre aqueles de caráter mais geral, centrados na geografia humanista como campo epistemológico amplo, e aqueles com foco específico na articulação entre fenomenologia, geografia e educação.

¹ O histórico completo de eventos do GHUM, incluindo os Seminários Nacionais sobre Geografia e Fenomenologia, está disponível em: <https://geografiahumanista.wordpress.com/eventos/>

Quadro 1 – Grupos de pesquisa em Geografia Humanista e em Educação Geográfica Fenomenológica no Brasil

Grupos gerais da Geografia Humanista	Grupos específicos ligados à educação
GHUM – Grupo de Pesquisas em Geografia Humanista Cultural Instituição: rede interinstitucional Foco: lugar, paisagem, geograficidade, experiência, cultura Link: https://geografiahumanista.wordpress.com/	GhEnTE – Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência Instituição: UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora Foco: ensino de geografia, experiência, humanismo Link: vinculado à rede GHUM
LAHIGE – Laboratório de Ensino de História e Geografia Instituição: UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz Foco: ensino de história e geografia Link: vinculado à rede GHUM	GEPFGE – Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia & Educação Instituição: UEL – Universidade Estadual de Londrina Foco: fenomenologia heideggeriana, geograficidade, educação geográfica, formação docente Link: https://gepfge.wixsite.com/londrina
LEGE – Laboratório de Estudos Geoeducacionais Instituição: UFC – Universidade Federal do Ceará Foco: educação geográfica, epistemologia da geografia Link: vinculado à rede GHUM	LEPEG – Laboratório de Extensão e Pesquisa em Educação Geográfica Instituição: UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará Foco: educação geográfica, extensão universitária Link: vinculado à rede GHUM

Fonte: elaboração própria com base no levantamento bibliográfico (2026).

Davim e Marandola Jr. (2016), em artigo publicado no âmbito dessa rede, sinalizavam a importância de aproximar o pensamento fenomenológico da educação geográfica, recorrendo explicitamente a conceitos heideggerianos, como ser-no-mundo, experiência e lugar, para fundamentar uma perspectiva fenomenológica aplicada ao ensino de geografia. A publicação, de 2016, situa-se em um momento de maturidade da rede GHUM, após quase uma década de encontros e seminários regulares, e antecipa a agenda que o Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE), vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL), viria a desenvolver com maior sistematicidade nos anos seguintes. Evidencia, assim, que a mobilização de Heidegger no campo da educação geográfica não é restrita a um único grupo, mas circula de forma mais ampla na rede humanista, ainda que, como se discutiu no capítulo anterior, essa mobilização permaneça sujeita aos problemas da assimilação humanista.

É, contudo, GEPFGE/UEL, que se destaca como o principal núcleo identificado no levantamento capaz de articular, de forma sistemática e explícita, fenomenologia heideggeriana, geografia e educação. O grupo reúne pesquisadores cujas produções têm como autores recorrentes Eduardo Marandola Jr., Jeani Delgado Paschoal Moura, Larissa Alves de Oliveira e Felipe Costa Aguiar, e se organiza em torno de temas como ser-no-mundo, experiência, lugar, habitar, geograficidade, educação geográfica e formação docente. Essa confluência temática revela uma orientação deliberada em direção à articulação entre o referencial fenomenológico heideggeriano e a investigação sobre o ensino de geografia, o que distingue o GEPFGE/UEL dos demais grupos identificados no levantamento, o que justifica considerá-lo de modo mais detido no que se refere aos dados quantitativos no próximo item.

A recorrência dos conceitos heideggerianos nas produções do grupo não é acidental. O ser-no-mundo aparece como categoria central para repensar a relação entre sujeito e espaço no contexto escolar; a experiência é mobilizada como fundamento para uma educação geográfica que valorize o vivido em detrimento da transmissão abstrata de conteúdos; o lugar e o habitar orientam reflexões sobre a geograficidade como dimensão constitutiva da existência dos estudantes; e a formação docente é pensada à luz de uma prática pedagógica que reconheça o professor como ser situado, existencialmente implicado no ato de ensinar. Essa articulação conceitual confere ao GEPFGE/UEL um papel singular no cenário geográfico brasileiro: o de procurar traduzir os fundamentos filosóficos heideggerianos em noções operativas para a investigação do ensino de geografia.

Cabe reconhecer, porém, que mesmo no âmbito do GEPFGE/UEL o campo investigativo apresenta limites. A produção do grupo, embora coerente e relevante, ainda é relativamente recente e concentrada em poucos pesquisadores. A consolidação de uma agenda de pesquisa mais ampla, capaz de gerar maior volume de dissertações, teses e publicações em periódicos de ampla circulação, permanece como desafio. Esse dado, como se verá na seção seguinte, é fundamental para compreender o estágio atual do campo.

Além dos grupos de pesquisa, o levantamento identificou eventos acadêmicos que contribuem para a circulação e o aprofundamento dos debates fenomenológicos na geografia humanista brasileira. Cabe destacar o I Colóquio de Geografia Humanista e Educação, que aconteceu em Londrina (PR) no ano de 2024; o II

Colóquio de Geografia Humanista e Educação: Lugar, Cidade e Educação Contextualizada, que aconteceu neste ano também em Londrina (PR), constituem iniciativas diretamente voltadas à articulação entre a perspectiva humanista e a educação geográfica, tendo sido ambos organizados pelo GEPFGE/UEL. O próprio nome do evento é revelador: ao eleger o lugar e a educação contextualizada como eixos temáticos centrais, os colóquios sinalizam que o que está em jogo é pensar o ensino de geografia a partir dos fundamentos da geografia humanista. A realização de duas edições do evento indica que esse espaço de debate tem se consolidado como agenda recorrente, o que é um indicador positivo de institucionalização do campo. Ainda que a pluralidade epistemológica seja uma marca constitutiva da geografia humanista, como indicado anteriormente, cabe reforçar que o foco desta pesquisa incide sobre a vertente fenomenológica heideggeriana, cuja circulação nesses colóquios representa um dos indicadores do alcance desse referencial no campo da educação geográfica.

Imagem 1 – Divulgação do II Colóquio de Geografia Humanista e Educação: Lugar, Cidade e Educação Contextualizada.



Fonte: Universidade Estadual de Londrina (2026). Disponível em: <https://coghe.weebly.com/>. Acesso em: 30 de maio de 2026.

A geografia humanista tem se ampliado no Brasil. No contexto da região Norte, no ano de 2017, ocorreu um evento na Universidade do Estado do Pará (UEPA) que buscava debater o direcionamento das pesquisas em geografia cultural e humanista. No ano de 2022, um segundo evento foi organizado, agora com tema, o Banzeiro: II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia, realizado no Instituto Federal do Pará (IFPA). Em 2024, o tema do evento foi o Ajuricaba: III Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia, realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esses eventos demonstram as iniciativas de expansão regional da geografia humanista. Esses encontros têm como horizonte a construção de uma geografia humanista pensada a partir da realidade amazônica, buscando uma abordagem geográfica que considere as realidades locais e não seja apenas a aplicação de uma perspectiva teórica produzida em outros contextos. Trata-se de pensar uma geografia humanista em diálogo com as especificidades do lugar, da paisagem e da experiência geográfica na Amazônia. Esse movimento fortalece a circulação de debates fenomenológicos em contextos regionais e constitui um espaço potencialmente fértil para a emergência de novas pesquisas que articulem fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia.

Imagem 2 – Divulgação do Banzeiro: II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia.



Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).
Banzeiro: II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia.

Disponível em: <https://www.even3.com.br/e/banzeiro2022-226253>. Acesso em: 30 de maio de 2026.

Imagem 3: Divulgação do Ajuricaba: III Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia.



Fonte: Universidade Federal do Amazonas (UFAM). AJURICABA: III Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia. Disponível em: <https://www.even3.com.br/e/ajuricaba-iii-encontro-de-geografia-cultural-e-humanista-da-amazonia-486560>. Acesso em: 30 de maio de 2026.

A análise desses eventos evidencia, contudo, que a presença de pesquisas diretamente articuladas entre fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia ainda é reduzida em suas programações. Os debates circulam predominantemente em torno de temas como lugar, paisagem, experiência e geograficidade em sentido amplo, sem que o recorte específico do ensino sob fundamentação heideggeriana constitua um eixo temático consolidado. Esse dado reforça o diagnóstico de um campo ainda em processo de constituição, cuja expansão regional é um indicador positivo, mas que ainda não se traduziu em agenda de pesquisa estruturada sobre o ensino de geografia.

Isso serve para justificar a opção da presente pesquisa em utilizar o GEPFGE/UEL como objeto da análise quantitativa, na medida em que demonstrou ser o grupo de pesquisa com maior organização, tendo inclusive um blog no qual é possível encontrar os textos e pesquisas que foram produzidos pelos membros do grupo².

4.2. A produção acadêmica da vertente fenomenológica heideggeriana como expressão de um campo emergente de investigação sobre o ensino da geografia.

Para a identificação do *corpus* de produções analisadas neste trabalho, procedeu-se a um levantamento bibliográfico junto às produções disponibilizadas pelo Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE), grupo identificado na seção anterior como o principal núcleo de articulação entre fenomenologia heideggeriana, geografia e educação no Brasil. A partir desse levantamento, foram selecionadas as produções que articulam explicitamente os temas fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia.

² O Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE) possui um blog no qual é possível consultar os membros do grupo, linhas de pesquisa e produção acadêmica. Segue link de acesso: <https://gepfge.wixsite.com/londrina/apresentação>

Tabela 1 – Produções acadêmicas com relação direta com a problemática da pesquisa.

TIPO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE
Artigos	4
Livros	0
Capítulos de livro	1
Dissertações	1
Teses	1
TCCs	0
Total	7

Fonte: elaboração própria com base no levantamento bibliográfico (2026).

Quadro 2 – Relação detalhada dos textos.

TIPO	REFERÊNCIA
Artigo	OLIVEIRA, L. A.; MOURA, J. D. P. Ser-no-mundo no ensinar e aprender geografia: possibilidades para uma educação geográfica humanista e existencial. Geograficidade , v. 11, n. 2, p. 24-37, inverno 2021.
Artigo	PASCHOAL, W. A.; MOURA, J. D. P. Paisagens experienciadas nas trilhas da educação fenomenológica. Espaço & Geografia , v. 21, n. 1, p. 167-194, 2018.
Artigo	OLIVEIRA, L. A.; AGUIAR, F. C.; MOURA, J. D. P. Nem mestre, nem aprendiz... <i>Dasein-aprendiz</i> : pensar o currículo enquanto lugaridade. Cadernos do Pet Filosofia , v. 15, n. 1, p. 1-19, 2024.
Artigo	MOREIRA, T. R.; AGUIAR, F. C. Contornos para a educação geográfica: que pode a Revista Geograficidade? Geograficidade , v. 12, n. 2, p. 76-89, inverno 2022.
Capítulo de livro	BATISTA, G. S.; MARANDOLA JR., E.; NASCIMENTO, C. R.; PIMENTA, A. R. (org.). Educar-se como praxis: contribuições hermenêuticas para a educação . Teresina: EDUFPI, 2023.
Dissertação	OLIVEIRA, L. A. Deixar aprender: o ensino de geografia como educação geográfica existencial . 2017. 70 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UEL, Londrina, 2017.
Tese	OLIVEIRA, L. A. Escola como ponta de lança: experiências geográficas e modos-de-ser dasein-aprendiz . 2022. 105 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UEL, Londrina, 2022.

Fonte: elaboração própria com base no levantamento bibliográfico (2026).

O *corpus* atualizado reúne sete produções: quatro artigos, um livro organizado, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, todas vinculadas, direta ou indiretamente, ao GEPFGE/UEL e a seus pesquisadores centrais.

A dissertação de Oliveira (2017), intitulada *Deixar aprender: o ensino de geografia como educação geográfica existencial*, constitui o trabalho seminal do grupo no que diz respeito à articulação entre fenomenologia heideggeriana e ensino

de geografia. Nela, a autora mobiliza o conceito de ser-no-mundo para propor uma compreensão existencial do ato de aprender, reposicionando o ensino de geografia como prática orientada pela experiência geográfica dos sujeitos. Cinco anos depois, a mesma pesquisadora defenderia sua tese de doutorado — *Escola como ponta de lança: experiências geográficas e modos-de-ser dasein-aprendiz* (Oliveira, 2022) —, aprofundando a investigação ao propor o conceito de "*Dasein-aprendiz*" como categoria analítica para compreender o estudante em sua existência geográfica situada.

Entre os artigos do *corpus*, destaca-se o de Oliveira e Moura (2021), publicado na revista *Geograficidade*, que discute as possibilidades de uma educação geográfica humanista e existencial a partir do conceito de ser-no-mundo. Paschoal e Moura (2018), por sua vez, propõem a noção de "paisagens experienciadas" como caminho para uma educação fenomenológica, articulando percepção, lugar e prática pedagógica. Oliveira, Aguiar e Moura (2024) avançam na discussão ao propor o currículo como "lugaridade", pensando a organização dos conteúdos geográficos a partir das categorias de lugar e habitar. Moreira e Aguiar (2022) examinam as contribuições da revista *Geograficidade* para a educação geográfica, identificando nela um espaço de circulação privilegiado dos debates humanistas e fenomenológicos. Por fim, o livro organizado por Batista, Marandola Jr., Nascimento e Pimenta (2023) reúne em um capítulo, contribuições hermenêuticas para a educação, posicionando a fenomenologia heideggeriana, em sua dimensão hermenêutica, como fundamento para pensar o processo educativo em sentido amplo.

A análise conjunta dessas produções permite identificar um repertório conceitual relativamente estável no interior do *corpus*: ser-no-mundo, experiência, lugar, habitar, geograficidade e ser-aí aparecem como categorias recorrentes, mobilizadas para repensar tanto o conteúdo quanto a forma do ensino de geografia. Esse repertório é coerente com a tradição fenomenológica heideggeriana da geografia humanista e evidencia que o GEPFGE/UEL tem desenvolvido uma agenda investigativa com identidade teórica própria, distinta das apropriações mais difusas do humanismo geográfico.

Não obstante, é necessário reconhecer os limites quantitativos desse *corpus*. Sete produções em um levantamento de alcance nacional representam um número ainda modesto, especialmente quando se considera que a maioria delas está

concentrada em um único grupo de pesquisa, vinculado a uma única instituição. A ausência de capítulos de livro e TCCs explicitamente articulados ao recorte heideggeriano-educacional indica que a vertente ainda não se difundiu de forma ampla para outros grupos, programas de pós-graduação ou cursos de licenciatura. O campo existe, demonstra coerência interna e apresenta crescimento ao longo do tempo, mas permanece circunscrito a um núcleo relativamente restrito de pesquisadores.

Diante do quadro apresentado, é possível responder à problemática central desta pesquisa com precisão analítica. A vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista tem sido utilizada, no Brasil, como base para investigar o ensino de geografia, porém de maneira ainda restrita. O estado da arte indica um campo emergente, cujo processo de consolidação é visível na trajetória do GEPFGE/UEL entre 2017 e 2024 e na coerência conceitual das produções identificadas, mas que ainda não atingiu o grau de institucionalização e dispersão necessário para caracterizá-lo como vertente plenamente estabelecida no cenário geográfico-educacional brasileiro. O principal indício dessa articulação encontra-se nas produções vinculadas ao GEPFGE/UEL, em especial na trajetória de Larissa Alves de Oliveira, que, entre 2017 e 2022, desenvolveu de forma progressiva a articulação entre o pensamento heideggeriano e a prática pedagógica na geografia.

Contudo, permanece uma questão que esta pesquisa não pode deixar de formular: mesmo onde essa articulação existe, ainda que de forma restrita e recente, as produções identificadas consideram o problema da assimilação humanista de Heidegger discutido no capítulo anterior? Ou reproduzem, sem exame crítico, o extravio da assimilação humanista denunciado por Reis e Santos (2024)? Em outras palavras, ao mobilizar Heidegger para fundamentar uma educação geográfica humanista ao longo dos anos de 2017 a 2024, os pesquisadores do campo estão atentos à incompatibilidade estrutural entre o pensamento heideggeriano e o humanismo, ou essa tensão permanece invisível, repetindo no campo do ensino o mesmo padrão de assimilação problemática que marcou a constituição da geografia humanista fenomenológica no Brasil? O que a pesquisa pode constatar é que o perfil da assimilação humanista de Heidegger permanece se reproduzindo nesses textos, deixando de considerar as críticas hoje presentes na ciência geográfica a esse perfil de interpretação do pensamento do filósofo. Por que esse extravio interpretativo permanece se reproduzindo na geografia brasileira? Essa interrogação, que o

estado da arte não resolve, mas torna possível formular com precisão, aponta para os limites do campo investigativo identificado e para a necessidade de aprofundamento crítico que pesquisas futuras deverão enfrentar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da seguinte questão central: a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista brasileira tem sido utilizada como base filosófica para investigar o ensino de geografia no Brasil? A hipótese formulada na introdução apontava que essa utilização existia, porém de maneira restrita, e que as pesquisas identificadas reproduziam, em grande medida, o padrão de assimilação humanista do pensamento de Heidegger denunciado pela literatura crítica, sem que a incompatibilidade estrutural entre o pensamento heideggeriano e o humanismo fosse considerada de forma explícita. Os resultados obtidos ao longo do estudo confirmam essa hipótese e permitem agora sintetizar os principais achados da investigação.

O primeiro objetivo específico, contextualizar historicamente o surgimento e a consolidação da geografia humanista e de sua vertente fenomenológica heideggeriana no Brasil, foi cumprido na primeira seção do trabalho. A investigação demonstrou que a geografia humanista surgiu nos Estados Unidos e no Canadá, nas décadas de 1960 e 1970, como movimento de contestação ao paradigma quantitativo, e chegou ao Brasil de forma fragmentada, a partir dos anos 1980, tendo na UNESP de Rio Claro seu núcleo inicial de irradiação. A vertente fenomenológica heideggeriana consolidou-se no país, sobretudo a partir dos anos 2000, em movimento inverso ao cenário internacional, estruturando-se como esteio metodológico e epistemológico para investigações empíricas na geografia humanista brasileira. Esse processo de consolidação foi acompanhado de um volume crescente de produções que mobilizam conceitos heideggerianos, ser-no-mundo, lugar, habitar, ser-aí, como categorias centrais de análise geográfica.

O segundo objetivo específico, analisar a problemática da assimilação humanista do pensamento de Heidegger pela geografia humanista, foi desenvolvido na segunda seção, com base na literatura crítica de Reis e Santos (2024). A análise demonstrou que há uma incompatibilidade estrutural entre o pensamento de Heidegger e o humanismo, documentada pelo próprio filósofo em sua *Carta sobre o Humanismo* (1947). A assimilação humanista do pensamento heideggeriano pela geografia produziu o que Reis e Santos (2024) denominam um "extravio": uma leitura que, ao colocar o homem como valor e medida da ciência geográfica, contraria as premissas mais fundamentais da filosofia heideggeriana. Essa

constatação coloca em questão os termos filosóficos de sua fundamentação e exige um exame crítico que, na maior parte da literatura, permanece ausente.

O terceiro objetivo específico, mapear, quantitativa e qualitativamente, as produções acadêmicas que articulam fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia, foi cumprido na terceira seção, por meio da construção do estado da arte. O levantamento identificou sete produções diretamente relacionadas à problemática da pesquisa: quatro artigos, um capítulo de livro, uma dissertação e uma tese, todas vinculadas ao Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Geografia e Educação (GEPFGE), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e concentradas no período 2017–2024. Esse resultado confirma o caráter emergente do campo investigativo: há produção, há coerência conceitual interna e há trajetória de aprofundamento progressivo, especialmente visível na trajetória de Larissa Alves de Oliveira, que, entre 2017 e 2022, desenvolveu uma dissertação, artigos e uma tese articulando o pensamento heideggeriano ao ensino de geografia. Contudo, a concentração em um único grupo de pesquisa e em uma única instituição indica que a vertente ainda não atingiu o grau de dispersão institucional necessário para caracterizá-la como campo plenamente consolidado no cenário geográfico-educacional brasileiro.

A análise qualitativa do *corpus* identificado permite, ainda, avançar sobre a dimensão mais crítica da pesquisa. As produções mapeadas mobilizam sistematicamente categorias heideggerianas, ser-no-mundo, ser-aí, habitar, geograficidade, para fundamentar perspectivas de educação geográfica humanista. Contudo, em nenhuma das produções identificadas a incompatibilidade estrutural entre o pensamento de Heidegger e o humanismo é examinada de forma explícita. As pesquisas sobre ensino de geografia reproduzem, portanto, o mesmo padrão de assimilação humanista identificado na literatura crítica para a geografia humanista em geral: mobilizam Heidegger como fundamento de uma perspectiva humanista sem considerar que o próprio filósofo rejeitou essa filiação de forma categórica. O extravio identificado por Reis e Santos (2024) na literatura geográfica ampla está, assim, presente também nas pesquisas sobre ensino de geografia, o que representa uma limitação filosófica significativa desse campo investigativo.

Do ponto de vista das contribuições, o presente estudo oferece três aportes ao campo geográfico-educacional. Primeiro, realiza o primeiro mapeamento sistemático das pesquisas sobre ensino de geografia fundamentadas na vertente fenomenológica heideggeriana no Brasil, preenchendo uma lacuna identificada na

literatura. Segundo, estende-se ao campo do ensino de geografia a crítica filosófica produzida por Reis e Santos (2024), evidenciando que a problemática da assimilação humanista de Heidegger não se restringe à produção geográfica em sentido amplo, mas alcança também as pesquisas pedagógicas que mobilizam esse referencial. Terceiro, identifica o GEPFGE/UEL como o principal núcleo articulador desse campo emergente, oferecendo um ponto de referência para pesquisadores interessados na temática.

O estudo apresenta limitações que devem ser reconhecidas. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das produções disponibilizadas pelo GEPFGE/UEL, o que pode ter deixado de fora produções isoladas vinculadas a outros grupos ou programas de pós-graduação. Além disso, a análise qualitativa do *corpus* limitou-se ao exame da presença ou ausência da problemática da assimilação humanista nas produções identificadas, sem adentrar na análise interna detalhada de cada obra. Pesquisas futuras poderão ampliar o *corpus* por meio de levantamentos em bases de dados mais abrangentes.

No que diz respeito às perspectivas para pesquisas futuras, o estado da arte realizado aponta ao menos três caminhos promissores. O primeiro diz respeito ao aprofundamento da análise interna das produções identificadas, verificando de que modo específico cada uma delas mobiliza o pensamento de Heidegger e em que medida o faz de forma filosófica coerente com as premissas do filósofo. O segundo caminho refere-se à ampliação do *corpus* por meio de levantamentos em outras bases de dados e instituições, com vistas a verificar se há produções sobre ensino de geografia com fundamentação heideggeriana fora do GEPFGE/UEL. O terceiro caminho, talvez o mais relevante do ponto de vista filosófico, consiste no desenvolvimento de pesquisas que busquem articular fenomenologia heideggeriana e ensino de geografia a partir de uma relação mais rigorosa com a analítica do ser-aí, enfrentando, e não contornando, a incompatibilidade entre o pensamento de Heidegger e o humanismo, e investigando o que uma fundamentação genuinamente heideggeriana poderia oferecer ao campo da educação geográfica.

Em síntese, a vertente fenomenológica heideggeriana da geografia humanista tem sido utilizada, no Brasil, como base para investigar o ensino de geografia, porém de maneira ainda restrita, a partir de um único grupo de pesquisa, e sem que a problemática filosófica central dessa assimilação seja devidamente considerada. O campo está em constituição, demonstra coerência interna e apresenta potencial

investigativo significativo. Cabe às pesquisas futuras aprofundá-lo com o rigor filosófico que o pensamento de Heidegger exige e que o ensino de geografia merece.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Felipe Costa; PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. Da nascente à foz: contribuições da fenomenologia heideggeriana à geografia fenomenológica. *Phenomenology, Humanities and Sciences* = **Fenomenologia, Humanidades e Ciências**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 96-104, 2022.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da geografia e as abordagens humanistas/culturais. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, [s.d.]. 22 p.

BATISTA, Gustavo Silvano; MARANDOLA JUNIOR, Eduardo José; NASCIMENTO, Claudio Reichert do; PIMENTA, Alessandro Rodrigues (org.). **Educar-se como práxis: contribuições hermenêuticas para a educação**. Teresina: EDUFPI, 2023.

BERNARDES, Antonio; AGUIAR, Felipe Costa; FRIGÉRIO, Regina Célia. Da sequele docente à querela epistemológica: o ensinar cansado de uma Geografia enferma. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 40, n. 4, p. 1-16, e-84002, out./dez. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Elaboração de projeto de pesquisa: um guia prático para geógrafos**. [S.l.: s.n.], p. 153-155.

DAVIM, David Emanuel Madeira; MARANDOLA JUNIOR, Eduardo José. O pensamento fenomenológico na educação geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 47, p. 770-788, 2016.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Dos compromissos da pesquisa geográfica: princípios, métodos e práticas na construção do conhecimento. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 53-58, p. 69-87, jul./dez. 2025.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 234f. Tese (Doutorado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 49-62, inverno 2013.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Na fissura do presente. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. especial, p. 06-25, out. 2020.

MOREIRA, Tiago Rodrigues; AGUIAR, Felipe Costa. Contornos para a educação geográfica: que pode a Revista Geograficidade? **Geograficidade**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 76-89, inverno 2022.

OLIVEIRA, Larissa Alves de. **Deixar aprender: o ensino de geografia como educação geográfica existencial**. 2017. 70 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

OLIVEIRA, Larissa Alves de. **Escola como ponta de lança: experiências geográficas e modos-de-ser dasein-aprendiz**. 2022. 105 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

OLIVEIRA, Larissa Alves de; AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Nem mestre, nem aprendiz... *Dasein-aprendiz*: pensar o currículo enquanto lugaridade. **Cadernos do Pet Filosofia**, Teresina, v. 15, n. 1, p. 1-19, e-5656, 2024.

OLIVEIRA, Larissa Alves de; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Ser-no-mundo no ensinar e aprender Geografia: possibilidades para uma educação geográfica humanista e existencial. **Geograficidade**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 24-37, inverno 2021.

PASCHOAL, Wilson Aparecido; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Paisagens experienciadas nas trilhas da educação fenomenológica. **Espaço & Geografia**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 167-194, 2018.

REIS, Luis Carlos Tosta dos; SANTOS, Josimar Monteiro. **Geografia e fenomenologia: o extravio da assimilação humanista de Martin Heidegger**. Curitiba: Appris, 2024.

SANTOS, Josimar Monteiro; REIS, Luís Carlos Tosta dos. O horizonte humanista na Geografia e a fenomenologia: o problema da "fenomenologia geográfica". In: GOMES, Ingrid Aparecida (org.). **A Produção do Conhecimento Geográfico 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018. p. 44-52.

SANTOS, Josimar Monteiro; REIS, Luís Carlos Tosta dos. O problema da interpretação humanista do pensamento de Martin Heidegger na geografia humanista brasileira. **Boletim Campineiro de Geografia**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 21-32, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2009.

ZANQUETA, Bruno. R. **Horizonte humanista e fenomenologia: do ecletismo às ambiguidades no diálogo com Heidegger na pesquisa brasileira em Geografia**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2025.